



Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas 2

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas  
Críticas e Teóricas 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L649	Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-378-1 DOI 10.22533/at.ed.781190506  1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série.  CDD 407
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Uma grande partilha de saberes é revelada neste livro aos diversos leitores e interlocutores desta obra. Todos os trabalhos que dão formas a este livro partem de correntes teóricas e práticas em que os autores se identificam, além disso, esta coletânea revela e mostra como as múltiplas motivações cooperam para a ampliação dos conhecimentos a serem adquiridos pelos sujeitos que aceitam o desafio de desbravar cada estética e poética textual.

Neste segundo volume da coletânea, a diversidade de temas tratados insere-se na tríade: *letras, linguística e artes*. São tratados neste livro quarenta e um trabalhos de variados autores que admitem a necessidade de realização e amostragem da pesquisa científica, porque mesmo alguns dizendo que no Brasil não se produzem conhecimentos, mostramos que produzimos sim, produzimos muita ciência.

No primeiro capítulo, os autores demonstram a importância cultural imaterial existente nos mitos e lendas da cidade de Barreirinhas, Estado do Maranhão. No segundo capítulo, alguns resultados são apresentados sobre a realização do procedimento sequência didática a partir de um gênero textual. No terceiro capítulo são compreendidos os diversos aspectos na obtenção das noções gerais do processo administrativo fiscal.

No quarto capítulo, os autores problematizam reflexões sobre as polêmicas existentes entre os conceitos de normalidade e anormalidade. No quinto capítulo, a autora analisa o conto *A Igreja do Diabo*, de Machado de Assis, sob o viés do Discurso Religioso. No sexto capítulo há uma exposição de uma pesquisa cujo tema foi a aprendizagem da língua inglesa com o uso de jogos pedagógicos como estratégias de motivação para o aluno aprender um idioma estrangeiro.

No sétimo capítulo, os autores relatam uma experiência desenvolvida no Ensino Médio Integrado do Campus Paraíso do Tocantins, do Instituto Federal do Tocantins. No oitavo capítulo o ensino de língua inglesa para crianças é tomado como ponto de reflexão. No nono capítulo, a autora apresenta resultados parciais de entrevistas referentes ao ensino de língua italiana para a terceira idade.

No décimo capítulo, os autores relatam algumas experiências vividas durante um projeto de ensino de língua italiana voltado ao público infantil. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam os aspectos referentes ao funcionamento do cérebro humano no ato de ler e os aspectos cognitivos envolvidos na leitura. No décimo segundo capítulo, a autora analisa como os discursos médicos sobre a loucura e as instituições estatais à enfermidade psíquica se destoam da descrição dos internos a respeito da experiência da insanidade e com o respectivo aparato clínico e institucional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a inclusão do internetês como prática escolar em uma tentativa de aproximação do ensino da língua portuguesa com a realidade dos alunos. O autor do décimo quarto capítulo apresenta e sugere algumas estratégias de ensino no contexto da Educação de Jovens e Adultos, reiterando que

não devem ser seguidas como fórmulas infalíveis, mas como formas de problematizar as práticas de professores. No décimo quinto capítulo é discorrido sobre a conceituação de reificação do sujeito, concebida pelo filósofo alemão Axel Honneth.

No décimo sexto capítulo, os autores discutem como o Programa Inglês sem Fronteiras, na Universidade Federal de Sergipe tem contribuído para a formação de professores de língua inglesa. No décimo sétimo capítulo, as autoras sistematizam as relações musicais e sociais de um grupo de jovens no decorrer de encontros de musicoterapia, utilizando-se da pesquisa qualitativa. No décimo oitavo capítulo, as autoras analisam e investigam os efeitos de sentidos dos discursos sobre a inclusão do sujeito surdo no ensino regular.

No décimo nono capítulo é discutido a subutilização do texto poético em salas de aula do Ensino Fundamental. No vigésimo capítulo, as autoras apresentam uma análise sobre a organização pedagógica do trabalho com Educação Física na Educação Infantil do Campo, identificando o lugar que ocupam os jogos e as brincadeiras no universo escolar das crianças do campo. No vigésimo primeiro capítulo, o autor averigua a incidência de textos sagrados das tradições monoteístas do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo no romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar.

No vigésimo segundo capítulo são propostas algumas reflexões sobre a atuação do psicólogo dentro do universo escolar. No vigésimo terceiro capítulo, os autores estabelecem ligação entre a arte urbana e o geoprocessamento, com a finalidade de explorar a pluralidade de leituras do espaço urbano do município do Rio Grande – RS. No vigésimo quarto, a autora reflete sobre o trabalho com a produção, correção e reescrita textual, decorrente de um processo de Formação Continuada de ações colaborativas promovidas pela pesquisadora.

No vigésimo quinto capítulo, a autora apresenta resultados de uma pesquisa que problematiza a maneira como uma coletânea de material didático de língua inglesa para o ensino médio é investigada. No vigésimo sexto capítulo, a autora explora o possível auxílio que os dicionários de sinônimos poderiam oferecer a estudantes de espanhol de níveis mais avançados que necessitam executar tarefas pedagógicas de produção. No vigésimo sétimo capítulo um projeto de extensão e todas as suas etapas são apresentados pelas autoras.

No vigésimo oitavo capítulo, as autoras refletem as relações entre linguagem e poder por meio de análises de posicionamentos dos internautas em notícias veiculadas em sites e postagens em mídias sociais que mostrem a influência do uso da norma culta e debates sobre a língua. No vigésimo nono capítulo, a autora problematiza a representação sobre o indígena como cultura minoritária constituída pela esfera jurídico-administrativa cujo eco discursivo repercute na esfera educacional brasileira. No trigésimo capítulo, os autores discorrem sobre as noções de sentidos no Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, abordando questões de sentido e referência de um sistema linguístico.

No trigésimo primeiro capítulo, a autora desenvolve a ação pedagógica adotando

uma postura interdisciplinar e de trabalho em equipe, construindo competências e saberes educacionais, além de colaborar com a formação musical dos integrantes do grupo. No trigésimo segundo capítulo, os autores estudam o sofrimento amoroso e a afinidade do amor nas canções brasileiras passionais separando-as em duas subcategorias. No trigésimo terceiro capítulo, os autores colocam em discussão a linguagem audiovisual da série animada estadunidense de humor *South Park*, no tratamento da religião islâmica como forma de desobediência e resistência ao chamado radicalismo religioso do grupo Estado Islâmico.

No trigésimo quarto capítulo, os autores propõem uma nova sequência didática para trabalhar o gênero textual cardápio nas aulas de língua inglesa. No trigésimo quinto capítulo, os autores apresentam uma leitura do romance juvenil *O Fazedor de Velhos*, de Rodrigo Lacerda, alisando os elementos estruturais da narrativa, como a configuração da personagem principal, do espaço e do narrador. No trigésimo sexto capítulo, os autores investigam o romance *Rua do Siriri*, de Amando Fontes, com a finalidade de elucidar como as mulheres viviam durante o período histórico discutido no texto literário.

No trigésimo sétimo capítulo, as autoras investigam os estereótipos veiculados pelo discurso midiático referente à ocupação da mesa do senado durante a Reforma Trabalhista, 2017. No trigésimo oitavo capítulo, a autora verifica como os livros didáticos de Língua Portuguesa do segundo ciclo dos anos iniciais do ensino fundamental indicados pelo Ministério da Educação, por meio do Plano Nacional do Livro Didático, 2016, apresentam e exploram a variação linguística. No trigésimo nono capítulo, a autora apresenta um estudo investigativo à luz dos vínculos linguístico-culturais e identitários de professores de língua inglesa.

No quadragésimo capítulo, a autora analisa a natureza de contexto a partir de dados obtidos em grupos de leitura compartilhada sob uma perspectiva ecológica. E, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo, o contexto da Educação Infantil na relação com a formação de professores representa o foco de discussão, partindo, sobretudo da cultura corporal nesse contexto de ensino.

Desejamos aos leitores um proveitoso passeio pelas reflexões inseridas em cada capítulo e que as teorias e as práticas sejam capazes de problematizar a construção de novos conhecimentos aos interlocutores que queiram desvendar esta coletânea.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
MEMORIA CULTURAL: OS MITOS E AS LENDAS QUE ENCANTAM A COMUNIDADE E VISITANTES DE BARREIRINHAS – MA	
Fernanda Carvalho Brito Monique de Oliveira Serra Michelle de Sousa Bahury Luciano Torres Tricário	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
MINHA TERRA TEM HISTÓRIAS-O GÊNERO CORDEL NO ALEGRE	
Aleide Josse Rodrigues Ataíde Costa Rosilene Alves de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
NOÇÕES GERAIS DO PROCESSO ADMINISTRATIVO FISCAL	
Marina de Alcântara Alencar Priscila Francisco da Silva Marcondes da Silveira Figueiredo Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
NORMALIDADE E ANORMALIDADE DISCUTINDO ENQUADRAMENTOS COMPORTAMENTAIS	
Paulo de Tasso M. de Alexandria Junior Jéssica Gontijo Nunes Juliane Hirose Malizia Mariana Araújo Bichuete Cavalcante Millais Lariny Soares Rippel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905064</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
O DISCURSO RELIGIOSO NO CONTO A IGREJA DO DIABO, DE MACHADO DE ASSIS: INTERTEXTUALIDADE ENTRE BÍBLIA E LITERATURA	
Priscilla Cruz Delfino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905065</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>69</b>
O ENSINO DE INGLÊS POR MEIO DE JOGOS PEDAGÓGICOS: UMA ESTRATÉGIA PARA O ENVOLVIMENTO ATIVO DO ALUNO COM A APRENDIZAGEM DE UM NOVO IDIOMA	
Claudecy Campos Nunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905066</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>85</b>
O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA DE FORMA INTERDISCIPLINAR, INTERCULTURAL E LÚDICA: ESPANGLISH, UM EXEMPLO DE INOVAÇÃO	
Graziani França Claudino de Anicézio	
Márcia Sepúlveda do Vale	
Roberto Lima Sales	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905067</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>95</b>
O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NO PIBID: APRENDIZADOS E EXPERIÊNCIAS	
Anna Clara de Oliveira Carling	
Riscieli Dallagnol	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905068</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>104</b>
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA A TERCEIRA IDADE	
Wânia Cristiane Beloni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905069</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>115</b>
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA CRIANÇAS	
Alessandra Camila Santi Guarda	
Gabriel Bonatto Roani	
Wânia Cristiane Beloni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050610</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>125</b>
O FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO E OS PROCESSOS COGNITIVOS ENVOLVIDOS NO ATO DE LER NUMA PERSPECTIVA DA NEUROCIÊNCIA	
Silvana Lúcia Costabeber Guerino	
Janaína Pereira Pretto Carlesso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050611</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>132</b>
O HOSPÍCIO EM DISPUTA: O DISCURSO MÉDICO E A LITERATURA BARRETEANA	
Roberta Teixeira Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050612</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>147</b>
O INTERNETÊS NA ESCOLA	
Lidiane da Silva Alves	
Marta Marte Guedes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050613</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>155</b>
ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Ivan Vale de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050614</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>164</b>
O NÃO RECONHECIMENTO DO OUTRO E A EDUCAÇÃO: A REIFICAÇÃO DE AXEL HONNETH	
Caroline Mitidieri Selvero	
DOI 10.22533/at.ed.78119050615	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>175</b>
O PROGRAMA INGLÊS SEM FRONTEIRAS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS: LEGISLAÇÃO E PERCEPÇÕES	
Luana Inês Alves Santos	
Sérgio Murilo Fontes de Oliveira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.78119050616	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>181</b>
O QUE EXPRESSAM OS JOVENS QUANDO CRIAM MÚSICA: A MUSICOTERAPIA MEDIANDO INTERAÇÕES	
Neide A. Silva Gomes	
Rosemyriam Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.78119050617	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>195</b>
O SUJEITO SURDO NO ENSINO REGULAR: ANÁLISE DOS DISCURSOS DA LEI 10.436 E DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO	
Maria Andreia Lopes da Silva	
Marilza Nunes de A. Nascimento	
Claudete Cameschi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050618	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>205</b>
O TEXTO POÉTICO EM SALA DE AULA: ESSE BEM INCOMPREENDIDO	
Valdenides Cabral de Araújo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.78119050619	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>218</b>
O TRABALHO PEDAGÓGICO COM JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO	
Elizabeth Pereira Barbosa	
Luciana Freitas de Oliveira Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.78119050620	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>230</b>
OS PALIMPSESTOS SAGRADOS DA <i>LAVOURA ARCAICA</i>	
Raphael Bessa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050621	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>243</b>
PENSANDO O FAZER DA PSICOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR	
Luiza Bäumer Mendes	
Marcele Pereira da Rosa Zucolotto	
DOI 10.22533/at.ed.78119050622	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>249</b>
POÉTICAS URBANAS: CARTOGRAFIA DE GRAFFITI EM RIO GRANDE/RS	
Bianca de Oliveira Lempek De-Zotti	
Christiano Piccioni Toralles	
Raquel Andrade Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050623</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>262</b>
PRÁTICAS DIALÓGICAS DE LINGUAGEM: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO EM SALA DE AULA COM OS COMANDOS DE PRODUÇÃO TEXTUAL COMO ATIVIDADE DE INTERAÇÃO	
Dayse Grassi Bernardon	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050624</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>274</b>
PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO EM ATIVIDADES DE LI	
Silvelena Cosmo Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050625</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>290</b>
PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: A CONTRIBUIÇÃO DOS DICIONÁRIOS DE SINÔNIMOS	
Laura Campos de Borba	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050626</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>305</b>
PROJETO DE EXTENSÃO: LEARN ENGLISH	
Tamara Angélica Brudna da Rosa	
Victória Botelho Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050627</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>310</b>
RELAÇÕES DE PODER DECORRENTES DO DOMÍNIO DA NORMA CULTA: REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS VIRTUAIS	
Caroline Melo	
Ana Amélia Furtado de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050628</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>326</b>
REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO INDÍGENA EM DOCUMENTO OFICIAL E SUA REPERCUSSÃO NO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Icléia Caires Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050629</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>342</b>
SAUSSURE E WITTGENSTEIN: SENTIDO E REFERÊNCIA NO INTERIOR LINGUAGEM LÓGICO- FORMAL	
Julio Neto dos Santos	
Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho	
Daniella Brito Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050630</b>	

<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>352</b>
SÉRIE CONCERTOS DIDÁTICOS DA “CONFRARIA DE LA YERBA”	
Carla Eugenia Lopardo	
DOI 10.22533/at.ed.78119050631	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>361</b>
SOFRIMENTO AMOROSO E FINITUDE DO AMOR NA CANÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DE DUAS CANÇÕES	
Carlos Vinicius Veneziani dos Santos	
Gabriela Ramalho da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78119050632	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>376</b>
SOUTH PARK E O ESTADO ISLÂMICO: A LINGUAGEM AUDIOVISUAL COMO FORMA DE DESOBEDIÊNCIA E RESISTÊNCIA	
Lucas Mestrinheire Hungaro	
Roselene de Fátima Coito	
DOI 10.22533/at.ed.78119050633	
<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>384</b>
TO SEE OR TO EAT? - A REFORMULAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO CARDÁPIO	
Camila Rangel de Almeida	
Esther Dutra Ferreira	
Joane Marieli Pereira Caetano	
Laís Teixeira Lima	
Carlos Henrique Medeiros de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050634	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>397</b>
UM HERÓI EM FORMAÇÃO: O PASSAR DO TEMPO EM <i>O FAZEDOR DE VELHOS</i> , DE RODRIGO LACERDA	
Marcilene Moreira Donadoni	
José Batista de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.78119050635	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>413</b>
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM <i>RUA DO SIRIRI</i> , DE AMANDO FONTES	
Viviane da Silva Valença	
Alisson França Santos	
DOI 10.22533/at.ed.78119050636	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>422</b>
UMA INVESTIGAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS VEICULADOS PELO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE A OCUPAÇÃO DA MESA DO SENADO DURANTE A REFORMA TRABALHISTA EM 2017	
Camila Kayssa Targino Dutra	
Verônica Palmira Salme Aragão	
DOI 10.22533/at.ed.78119050637	

<b>CAPÍTULO 38</b> .....	<b>437</b>
VARIÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL I	
<a href="#">Mirely Christina Dimbarre</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050638</b>	
<b>CAPÍTULO 39</b> .....	<b>449</b>
VÍNCULOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS E IDENTITÁRIOS DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA	
<a href="#">Luciana Specht</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050639</b>	
<b>CAPÍTULO 40</b> .....	<b>459</b>
LINGUÍSTICA ECOLÓGICA: A NATUREZA DO CONTEXTO EM UMA PRÁTICA DE MULTILETRAMENTOS	
<a href="#">Raquel Souza de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050640</b>	
<b>CAPÍTULO 41</b> .....	<b>468</b>
ACULTURA CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
<a href="#">Joseane da Silva Miller Rodrigues</a>	
<a href="#">Eliane Aparecida Galvão dos Santos</a>	
<a href="#">Fernanda Figueira Marquezan</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050641</b>	
<b>CAPÍTULO 42</b> .....	<b>476</b>
O CAMPO DA ARTE E SUAS RELAÇÕES COM A TECNOLOGIA: REALIDADE VIRTUAL	
<a href="#">Michelle Sales</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050642</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>490</b>

## PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO EM ATIVIDADES DE LI

**Sivelena Cosmo Dias**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,  
Três Lagoas, MS

**RESUMO:** Temos como objetivo apresentar resultados de uma pesquisa que problematiza a maneira como uma coletânea de material didático de língua inglesa (LI), para o ensino médio - integrante do Programa Nacional do Livro Didático 2012 - se apropria do discurso sobre as chamadas novas tecnologias, de modo a entrever o imbricamento entre as representações sobre aluno, professor e tecnologias. A partir arcabouço teórico-metodológico denominado discursivo-desconstrutivista, balizado pelas teorias do discurso, pela desconstrução derrideana e pela psicanálise lacaniana, neste artigo, trazemos para a discussão dois recortes discursivos que consistem em um texto com estrutura de e-mail e em uma atividade de interpretação de uma página da web. Por meio da análise das atividades pedagógicas, que se apropriam de páginas da internet, foi possível afirmar que se aplica o processo de didatização, além de os recortes ganharem características estáticas, imóveis. Esse movimento oportunizou-nos a flagrar a função de des-re-territorialização (DELEUZE & GUATTARI, 2011) exercida nas atividades em análise, na medida em que

desreterritorializa o texto, ao retirá-lo de um determinado território e o reterritorializa, ao colocá-lo em outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Livro Didático; Tecnologias; Desterritorialização.

**ABSTRACT:** We aim at presenting results of a research, which problematizes the way a teaching material collection of English language, for high school - component of National Textbook Program - appropriates the discourse on the new technologies, in a way that it was possible to glimpse the interweaving of the representations of student, teacher and new technologies. From a theoretical-methodological framework called discursive-deconstructivist, based on theories of discourse, Derridean deconstruction and Lacanian psychoanalysis, in this article, we bring to the discussion two discursive clippings that consist of a text with an e-mail structure and an activity of a web page. Through the analysis of pedagogical activities, which have appropriated web pages, it was possible to affirm that the process of didatization is applied, in addition to the discursive clippings gain static and immobile characteristics. This movement has enabled us to glimpse the function of de-re-territorialization (DELEUZE & GUATTARI, 2011) exerted in the analyzed activities, as far as the text is dereterritorialized, when it is removed from a given territory and it is reterritorialized,

when it is put in another.

**KEYWORDS:** textbook; technologies; desterritorialization.

## 1 | INTRODUÇÃO

O livro didático (LD), por ser portador de um saber acumulado, essencial e aceito social e historicamente, dissemina e coloca em circulação o saber, ocupando um lugar de autoridade, de poder, o que o leva a funcionar como um discurso de verdade. No cenário educacional brasileiro, é massiva a presença do LD no ensino fundamental e médio. Considerado como um recurso imprescindível o LD, em alguns contextos brasileiros, ainda, corresponde à única fonte de consulta e pesquisa disponível ao professor (ALMEIDA FILHO, 1994; KLEIMAN, 1992; SOUZA, 1995 *apud* CORACINI, 2011, p. 17). Apesar da sua consolidação como apoio pedagógico e facilitador do processo de ensino e aprendizagem, de certas limitações e restrições de trabalho pedagógico, são poucas as pesquisas realizadas sobre ele.

Não se trata de julgar, ou avaliar se é bom ou ruim o material didático - seja no formato de livro ou software -, mas de lançar um olhar desafiador, questionador, problematizador sobre as coleções de LD de língua inglesa (LI) que foram inseridas no contexto escolar regular oficial do ensino médio, por meio do Programa Nacional do Livro Didático 2012 (PNLD), pela primeira vez em toda a história do ensino de língua inglesa, como língua estrangeira, no sistema público educacional brasileiro. Justamente, em uma época em que as instâncias governamentais procuravam viabilizar a informatização de instituições escolares com instalação de laboratórios de informática equipados com computadores e internet, o “velho” livro didático retornava às escolas, depois de um período de rejeição por parte dos professores e especialistas.

Dessa forma, é objeto relevante e pertinente de estudo científico a temática sobre as “novas” tecnologias e o ensino de LI, que provém da inserção delas no âmbito educacional. Esse fato nos incita a refletir sobre a pertinência de estudos sobre a maneira como o LD de LI (re-)apresenta a complexa relação entre professor/aluno/material didático, ao apropriar-se do discurso contemporâneo sobre as “novas” tecnologias e, ainda, a problematizar a maneira como o LD de LI se apropria do discurso sobre as “novas” tecnologias, ao abordar essa temática e/ou ao contemplar atividades que demandam o uso de suportes/ferramentas que se enquadram nas chamadas “novas” tecnologias, como o computador e a internet.

Neste artigo, temos como objetivo problematizar a maneira como uma coletânea de material didático de língua inglesa se apropria do discurso sobre as “novas” tecnologias (a partir de duas atividades didático-pedagógicas) de modo a entrever o imbricamento entre as representações sobre aluno, professor e tecnologias. Os recortes discursivos em análise consistem em um texto com estrutura de e-mail e em uma atividade de interpretação de uma página da web. A pergunta norteadora deste estudo é: como o discurso sobre as chamadas novas tecnologias se materializa nas

atividades didático-pedagógicas?

Para dar sustentabilidade teórico-metodológica à análise, ancorada numa perspectiva teórico-metodológica, denominada discursivo-desconstrutivista (CORACINI, 2010), alguns conceitos teóricos, além de sujeito e discurso, elencados na análise, serão tratados a seguir, como desterritorialização, simulacro, fetiche e o processo de pedagogização ou didatização.

## 2 | SUJEITO E DISCURSO NA ABORDAGEM DISCURSIVO-DESCONSTRUTIVISTA

O motivo que leva os livros didáticos a tentarem, constantemente, a se inovar é a necessidade de se tornar, mesmo ilusoriamente, atraentes e motivadores para o seu público alvo: professores e alunos. Apresentando-se de tal forma, acredita-se que o material didático cumprirá seu papel: despertar no aluno o desejo pelo aprender (saber), neste caso, a língua do outro, como se todo e qualquer aluno, numa abrangência total, “fosse capaz de se reconhecer ou encontrar representações de si suscetíveis de entusiasamá-lo a aprender a língua em questão” (CORACINI, 2016, p. 30), sem considerar suas diferenças.

No entanto, dentro da abordagem discursivo-desconstrutivista, (CORACINI, 2010), - balizada pelas teorias do discurso (com base principal em Foucault), pela desconstrução derrideana, (que permite problematizar o que parece evidente e natural estabelecido pelo pensamento logocêntrico e dicotômico), e pela psicanálise lacaniana, (que considera o sujeito do inconsciente, da falta e do desejo) - consideramos a constituição do sujeito múltipla, heterogênea, fragmentada e dispersa. Da mesma forma, consideramos a linguagem fragmentada e contraditória, o que nos remete aos estudos realizados por Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), na medida em que a autora considera, em seu quadro teórico, a noção sujeito “contrariamente à imagem de um sujeito “pleno”, que seria a causa primeira e autônoma de uma palavra homogênea. Apoiada em teorias que “destituem o sujeito do domínio de seu dizer” e “da teoria elaborada por J. Lacan, de um sujeito produzido pela linguagem e estruturalmente clivado pelo inconsciente”, a linguista define o sujeito como “efeito de linguagem” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 186).

Ambos, Foucault e Authier-Revuz, problematizam a concepção logocêntrica de sujeito, portanto, consciente, racional, centrado e aproximam os seus estudos, respectivamente, filosóficos e linguísticos aos estudos psicanalíticos, com base em Lacan.

A constituição do sujeito se dá no jogo entre significantes, assujeitado à linguagem e a tudo o que ela representa ou simboliza - cultura valorizada, internalizada, modificada, interdita pelo nome-do-pai, portanto, castrada - vinda sempre do/pelo outro. Assim, é possível afirmar que a posição sujeito é a mesma da linguagem: constituem-se mutuamente na/pela falta. Nesse sentido, acreditamos que as “novas” tecnologias

podem ser apresentadas ao professor como algo da ordem da provocação do desejo. É o que falta ao sujeito que constitui seu desejo. Apesar de ele não saber qual é, ele passa toda a vida buscando tamponar o furo, a falta, a porosidade nas imagens vindas do outro/Outro (LACAN, 1998). Essas imagens que, ao serem internalizadas, inscrevem-se na ordem do imaginário e, depois, na ordem do simbólico, são estruturadas linguisticamente, via funcionamento discursivo.

Para Foucault, os discursos constituem “como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2009, p. 55). Seu funcionamento é disperso, descontínuo, múltiplo e heterogêneo. O discurso é concebido como “um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e de sua descontinuidade em relação a si mesmo” (FOUCAULT, 2009, p. 61). O discurso, marcado de contradições, não está sob controle de seu enunciador e efeitos de sentido imprevisíveis afloram “a partir de um campo complexo de discursos” (FOUCAULT, 2009, p. 26). Atravessado por outros discursos, o discurso é constituído na heterogeneidade, na multiplicidade de sentidos que, embora dispersos, apontam para certas regularidades. São essas regularidades discursivas que permitem a organização de dizeres, de modo a constituírem um mesmo discurso, como, por exemplo, o discurso político educacional e o discurso didático pedagógico, tratados nesta pesquisa.

Todo discurso, como jogo de forças, de luta, de resistência, é lugar de exercício de poder, portanto, de saber. Para Foucault (1995, p. 10), o discurso é “aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. Dessa maneira, o autor postula que a relação entre poder e saber é intrínseca. O poder e o saber produzem, transmitem e reproduzem efeitos e regimes de verdade, articulados e constituídos pelos/nos discursos, histórica e socialmente. Nessa linha de pensamento, cada época, cada sociedade tem seus regimes de verdade, de saber e, conseqüentemente, de poder.

Com foco na leitura foucaultiana, entendemos o discurso não só como lugar onde se articulam poder-saber e regimes de verdade, como também lugar onde se manifestam desejos, desejo de poder-saber, de forma a corresponder ao desejo do outro. Para Foucault (1995), o discurso consiste em uma “prática social”. Nesse ponto, puxamos fios provenientes da psicanálise freudo-lacaniana, uma vez que Lacan (1992) considera o discurso como “laço social”, tecido e estruturado pela linguagem. Em ambas as visões, o discurso institui um determinado campo de saber e, dessa forma, estabelece alguma prática que possibilita e organiza tal prática. Foucault (2009, p. 132) chama de discurso “um conjunto de enunciados” constitutivo de determinados saberes, como o discurso das tecnologias. Alguma semelhança com Foucault pode ser observada em Lacan (2008, p. 33) quando este afirma que:

[...] é o discurso da física que determina o físico, e não o contrário. Nunca houve físico verdadeiro até que esse discurso prevalecesse. [...] Todo discurso se apresenta prenhe de conseqüências, só que obscuras. Nada do que dizemos, em

princípio, deixa de implicá-las. No entanto, não sabemos quais são. É no nível da linguagem que retomarei as coisas, para demarcar bem os limites (LACAN, 2008, p. 33).

Tanto para Foucault (2009) quanto para Lacan (1998), o discurso não é uma manifestação de um ser pensante, que controla o sentido de seu dizer, que conhece e sabe o que diz. Lacan (1998) atribui o caráter instável e descontínuo de todo o discurso ao atravessamento do inconsciente, ou seja, à emergência de *lalangue* (*nonsense*) em pontos de fios do discurso. Para Foucault (2009), a dispersão e descontinuidade do discurso são constituídas pela relação tensa e conflituosa entre discursos. Em ambas as perspectivas, não há nada que anteceda ao discurso com sentidos fixos e estáveis. O discurso é uma construção fundante de subjetividades e de sentidos múltiplos. A possibilidade de sua existência está na relação com o outro, no laço, na prática social. Portanto, o discurso é um lugar constante de produção de sentidos.

Pensar o discurso como lugar que estabiliza e, ao mesmo tempo, desestabiliza sentidos, ou seja, produz e reproduz sentidos, evoca, também, a visão desconstrutivista derrideana. Ao problematizar aquilo que parece claro e evidente, os pares de conceitos dicotômicos, Derrida (2001) empreende a desconstrução dos aspectos logocêntricos em que se fixa a epistemologia ocidental. Desse modo, o autor supracitado questiona o “significado transcendental”, contra a primazia do sentido - aproxima-se, também dos estudos lacanianos e foucaultianos - desmoronando hierarquias, priorizando o processo de produção de sentidos e seus efeitos. Como afirma o próprio Derrida (2001, p. 32):

[s]eja na ordem do discurso falado, seja na ordem do discurso escrito, nenhum elemento pode funcionar como signo sem remeter a um outro elemento, o qual, ele próprio, não está simplesmente presente. Esse encadeamento faz com que cada “elemento” – fonema ou grafema – constitua-se a partir do rastro, que existe nele, dos outros elementos da cadeia ou do sistema. [...] Não existe, em toda parte, a não ser diferenças e rastros de rastros (DERRIDA, 2001, p. 32).

Entendemos com Derrida, nesse dizer, que é a própria linguagem que desconstrói a linguagem. Para que haja desconstrução, é preciso estar dentro do edifício, analisar suas partes, saber como foi construído, conhecer o sistema, a estrutura que monta o edifício logocêntrico cujos efeitos se manifestam pela e na linguagem. No sentido derrideano, os opostos não se sustentam; no entanto, se mantêm, mas não em polarização. Derrida traz à baila a noção de *différance/différence*, o que permite compreender que não há igualdade ou diferença plena. Ele faz esse jogo do a/e para mostrar que os conceitos e as definições das coisas existentes no mundo não são significados por si, mas através de toda cadeia de significante e signos que compõem um sistema linguístico, através de um sistema de relações de diferenças. Dessa forma, a definição de algo se dá por meio daquilo que ele não é, ou seja, por suas diferenças, o que admite sempre um antes e um depois.

No posicionamento desconstrutivista, ainda sobre a produção de sentidos, Derrida (1986) defende que sempre há um deslizamento de um significante para outro

sucessiva e infinitamente. Portanto, o sentido nunca se fecha, sempre se desloca; o significante se mantém, mas o sentido nunca é preenchido. Nenhuma palavra se encerra em uma verdade absoluta e pura. No pensamento derrideano (DERRIDA, 2011), desconstruir conceitos metafísicos é compreender que não há relações de oposição, de binarismo, de limitações e de fronteiras; pois, um se constitui de e nas bordas do outro, um está imbricado no outro, funcionando no espaçamento do hífen(-).

Seguindo a linha de raciocínio desses três pensadores Foucault, Lacan e Derrida, podemos afirmar que sujeito e linguagem/discurso se constituem mutuamente, no equívoco, de forma opaca e porosa, ambos marcados pela incompletude e pelo furo.

### **3 | EFEITOS DE SENTIDO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO, DE FETICHIZAÇÃO E DE SIMULACRO NO PROCESSO DE PEDAGOGIZAÇÃO D(N)AS TECNOLOGIAS**

O discurso sobre as “novas” tecnologias nos LD de LI é visto como um dispositivo, uma vez que, de algum modo, esse discurso tem a eficácia de capturar, modelar e controlar condutas, ou seja, agenciar seus usuários: professores e alunos. O agenciamento é entendido, conforme discutido por Deleuze & Guattari (2011), como uma combinação de elementos heterogêneos dando origem a algo novo. A esse respeito, Deleuze & Guattari (2011) destacam que o movimento concomitante e mútuo dos agenciamentos constitui territórios que compreendem dentro de si, essencialmente, dois segmentos: desterritorialização e reterritorialização, no sentido de abandono e criação.

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 323).

Depreende-se a partir da citação que a desterritorialização, como o movimento pelo qual se abandona o território, é a operação da linha de fuga, enquanto que a reterritorialização é o movimento inverso, momento em que se funda um novo território. Deleuze & Guattari (2011) afirmam que esses processos são indissociáveis. Toda territorialização é acompanhada de desterritorialização e reterritorialização. São novas formas de pensamento, novos conceitos, novos saberes que se (re-)formam a partir de outros encontros, novas funções, novos arranjos, novos dispositivos e agenciamentos.

Sobre as tecnologias, como dispositivos digitais móveis, Lemos (2006, p. 8-9), afirma que elas dissolvem fronteiras, barreiras e hierarquias, “em um processo complexo de des-re-territorializações”, o que quer dizer que essas “tecnologias de comunicação móveis desterritorializantes” são “instituintes de processos nômades, justamente por criar deslocamentos de corpos e informação”. Esses deslocamentos

sucessivos e constantes de corpos e informação abrem possibilidades de o sujeito estar entre territórios, entre identidades, desterritorializando e reterritorializando, num movimento contínuo.

Esse ser e estar entre territórios cria necessidades fundantes no sujeito e são otimizadas por aparelhos tecnológicos que, ao serem satisfeitas, novas são engendradas. Esse ciclo é sustentado pelo discurso do capitalista, este que, de acordo com Lacan (1992), causa a impressão de que é possível realizar o desejo, comprando objetos, tecnologias, saberes, fazendo o sujeito acreditar na completude, na promessa de preenchimento do vazio, de tamponamento da falta constitutiva do sujeito. Nessa relação do sujeito com as mercadorias de consumo, principalmente, as tecnológicas, Kehl (2004, p. 50) afirma que essa “operação consiste em apelar para a dimensão do desejo que é singular, e responder a ela com o fetiche da mercadoria”.

Dessa forma, parece que a tecnologia passa a funcionar como um fetiche, algo indispensável, uma prótese, um substituto enigmático para uma falta, uma ausência, para aquilo que o homem não tem; porém, não consegue mais viver sem. O fetiche se constitui por meio de um processo dual de forças antagônicas de falta e de presença, no sentido freudiano (FREUD, 1996). O autor supracitado refere-se ao fetiche como uma idealização, algo que pode chegar à perfeição. O processo de fetichização pela tecnologia ocorre quando esta substitui a falta constitutiva do sujeito pela ilusão de completude.

No desejo constante e movente do sujeito em atingir a plenitude, nesse mundo em que a tecnologia pode representar a solução para todos os problemas da humanidade, Deleuze afirma que vivemos em um mundo de simulacros, pois tudo é representação e é representado. Os simulacros, dissimulação, singularidade, tudo gera variação e caminha para uma multiplicidade, para uma potência de geração de duplos, pois o mesmo e o diferente, o semelhante e o discrepante são efeitos de uma simulação, de uma exterioridade, de uma impressão produzida no interior de um observador e, ao mesmo tempo, criada por ele como uma banda de um anel de Moebius, o interior é o exterior e o exterior é o interior; é o dentro e o fora; o real e o virtual (DELEUZE, 2011; DERRIDA, 2011). A simulação, o efeito de funcionamento da existência do simulacro, é exercida sob forma de signos que carrega a potência de produzir efeitos de sentido. Sentidos esses que nunca se fecham, se deslocam, se (des)estabilizam e se disseminam, num eterno devir, num eterno adiamento (DERRIDA, 1986; 2011), e a cada retorno nunca é o mesmo nem totalmente diferente.

Na tentativa de ser atraente e novo para seus usuários, pois o novo carrega o sentido de que é sempre o melhor, o LD de LI, ao se apropriar de textos com formatos de e-mails, realiza um processo chamado pedagogização ou didatização, isto é, o LD transforma algo que acontece fora do âmbito escolar em parte do discurso pedagógico. O uso de computadores e de internet no ambiente escolar sofre o processo de pedagogização - algo que é usado fora dos muros da escola passa a ser usado na escola com fins pedagógicos -, bem como os tipos de textos que circulam nesse

ambiente. O processo de pedagogização ou didatização é uma prática marcante dos LDs.

Nesse sentido, o e-mail pessoal, uma das práticas discursivas de grande circulação nas práticas sociais digitais, passa a circular nas páginas impressas do LD de LI. Nesse movimento circular do LD, ressoa uma memória discursiva que constitui práticas pedagógicas tradicionais e antigas: a escrita de bilhetes enviados a colegas e ensinados nas escolas, com uma organização fixa: saudação inicial, conteúdo e despedida. Em substituição à velha escrita de bilhetes nas escolas, ensina-se a estruturação de escrita do novo no ambiente digital: o e-mail, que, segundo Marcushi (2004, p. 26-28), é “um meio de comunicação interpessoal com remessa e recebimento de correspondência entre familiares, amigos, colegas de trabalho, empresas, pesquisadores [...] é hoje o mais popular ambiente virtual [...] com formas de produção típicas e já padronizadas”. Pode-se afirmar que os e-mails possuem características tanto do velho quanto do novo.

Em um dos recortes discursivos em análise, que se apresenta com características específicas de e-mail, parece ocorrer uma dupla inversão. O que antes circulava no espaço físico do papel, no formato de bilhetes ou cartas, passa a circular no meio digital como e-mail. Com o movimento realizado pelo LD de LI; ou seja, ao se apropriar da página da internet, fazendo um *print screen* da tela do computador, o e-mail deixa de circular no ambiente digital e voltar a circular no papel-impresso, em um processo de desterritorialização (DELEUZE & GUATTARI, 2011), desterritorializando modos de conduta, modos de pensar e agir, ações, informações e saberes. Esse processo de desterritorialização também se apresenta no segundo recorte discursivo em análise, que se trata de uma reprodução de aspectos visuais de uma *webpage*.

A partir do arcabouço teórico-metodológico discursivo-desconstrutivista, balizado pelas teorias do discurso, pela desconstrução derrideana e pela psicanálise lacaniana, traz-se para a discussão os dois recortes discursivos.

## 4 | ANÁLISE DOS RECORTES DISCURSIVOS

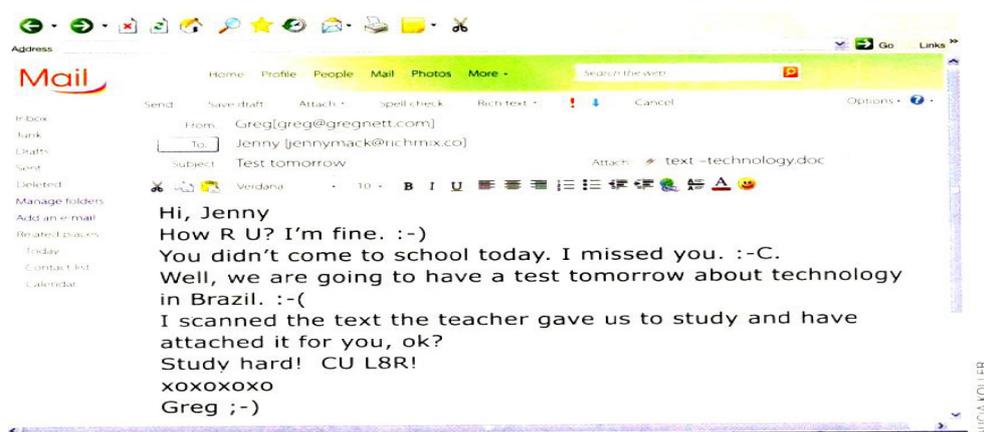


Figura 1 - Freeway 1, 2010, p. 67.

O recorte discursivo, pertencente à *Unit 5 - Information Technology*, do LD de LI *Freeway*, destinado à 1ª série do ensino médio, consiste em um texto com estrutura semelhante a um e-mail. Para que este seja funcional, é preciso o acesso ao computador ou outro dispositivo tecnológico, como o celular, interligado à internet. O LD de LI, ao se apropriar de textos com o formato de e-mail, além de deslocá-los de seu lugar de circulação, de perder suas características operacionais e movediças, eles passam pelo processo de pedagogização ou didatização, ganhando características estáticas, imóveis.

O texto, que se encontra em outro território, tende a funcionar para o professor como se fosse as próprias tecnologias e, para o aluno, como se fosse uma realidade, construindo um imaginário de que aluno e professor precisam saber lidar com as tecnologias e de que o LD pode executar a função de um e-mail, ao transferir mensagens de um usuário para outro (*From: Greg / To: Jenny*). Nesse movimento, o LD de LI pode indicar possibilidades de trocas de informação de maneira mais rápida, além de oportunizar o envio de uma grande quantidade de informação no formato de arquivo, num processo de des-re-territorialização - na medida em que desreterritorializa a informação, ao retirá-la de um determinado território e a reterritorializa, ao colocá-la em outro -, como é o caso da mensagem nesse excerto (*I scanned the text the teacher gave us to study and have attached it for you, ok?* - Eu escaneei o texto que a professora nos deu para estudar e o anexei para você.), colocando em evidência os termos do discurso das “novas” tecnologias: *to scan* e *to attach*.

A rede de relações discursivas que se instala no recorte acima indica a fugacidade do tempo e dinamismo da informação: a ação de escanear o texto (*I scanned the text*) coloca em funcionamento e em circulação a notícia: a prova amanhã (*we are going to have a test tomorrow*). Além disso, efeitos de sentido de espaço reduzido e de desterritorialização são sustentados pelo fato de o remetente da mensagem anexar o texto que deve ser estudado por eles (*the teacher gave us to study and have attached it for you*), o que faz, também, habitar o espírito de solidariedade entre os alunos.

O fio discursivo sobre as “novas” tecnologias perpassa toda a performance do remetente Greg, chegando à do professor: desde a escolha pelo meio digital para dar a notícia sobre a prova de amanhã (*test tomorrow*), as habilidades para o uso adequado dos recursos disponibilizados pelas tecnologias: escanear e anexar (*scanned; attached*); as escolhas lexicais de linguagem informal (*hi; well; ok*); o uso de abreviações, *initialisms* e *emoticons* que circulam no ambiente digital (*How R U?; CU L8R!; :-); XOXOXO = How are you?, Como vai você?; See you later, Até logo!; sad, triste; hugs and kisses, abraços e beijos*), até o assunto abordado pelo professor na prova: tecnologia no Brasil (*technology in Brazil*), construindo representações de que o professor está apto a debater sobre um assunto da atualidade. A compreensão desses “novos” modos, estilos de vida e “complexos” usos de várias habilidades da linguagem e comunicação mediadas pelo computador parecem uma tentativa do LD

de LI de promover, de motivar, de seduzir o aluno a hábitos, costumes e uso desse tipo de comunicação, via encantamento pelas “novas” tecnologias. Pressupondo que o aluno não tem o acesso a elas, o LD pode funcionar como um atrativo para o aluno, exercendo, em seu lugar, as funções da tecnologia.

A ausência de Jenny na aula notada por Greg (*You didn't come to school today. I missed you* - Você não veio na aula hoje. Senti sua falta) é suprida pelo uso do computador e da internet. Com a missão de substituir a presença, tornando o fato de sua ausência, aparentemente, sem perda nenhuma, a funcionalidade das “novas” tecnologias propicia o acesso à informação quase que instantânea - “el[a] parece restituir um quase imediatismo do texto [...] uma questão de velocidade e de ritmo também: vai mais rápido [...] que nós, ultrapassa-nos” (DERRIDA, 2004, p. 143) -, (quase) no mesmo tempo da aula e confere o status de fetiche à tecnologia, supostamente, para o professor; substitui uma falta com uma prótese, garantindo a ele a ilusão de completude; pois, abre possibilidades de ser uma aula dinâmica, com o uso da tecnologia. E assim, oportuniza a motivação e, como consequência, garante o aprendizado. É uma ausência que se faz presente, uma presença que se faz ausente, um corpo que se desterritorializa.

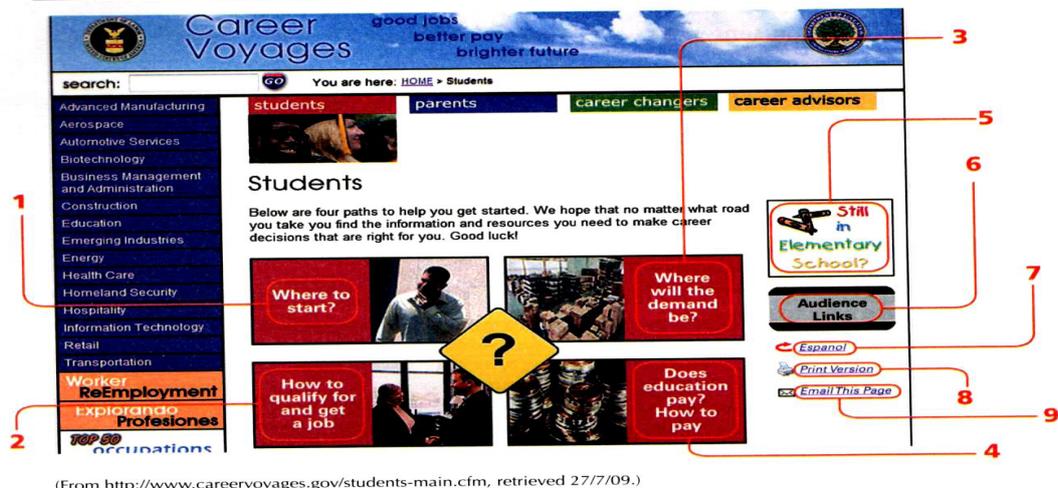
Ao trazer o texto no formato de e-mail e suas operacionalidades, parece que o LD de LI veicula representações: sobre o aluno como consumidor de informação fisgado pela tecnologia e, sobre o professor que se tranquiliza, já que, mesmo com a ausência da aluna na aula, ela terá acesso ao conteúdo via livro/tecnologia - o LD de LI parece exercer o papel da tecnologia. Apesar disso, a página impressa do livro não executa as mesmas funções do mundo virtual; é um querer parecer ser/ter as funcionalidades do mundo virtual. Assim como o ciberespaço (re-)constitui a realidade na simulação, na interpretação, na representação, o LD de LI tende a recriá-la no simulacro, trazendo a aplicabilidade da máquina virtual. Esse posicionamento encontra respaldo em Deleuze (1988, p. 8) que assevera que “no simulacro, a repetição já incide sobre repetições e a diferença já incide sobre diferenças. São repetições que se repetem e é o diferenciante que se diferencia”, provocando devires identitários, interferindo nos modos de pensar, ser e agir: embora ausente na aula, a estudante sabe como proceder: estudar muito (*study hard*). Parece ser a completude, a totalidade, o desejo realizado.

Isso faz com que o sujeito, mesmo eventualmente, se ancore nessa maquinaria, apontando para funcionamentos de um novo dispositivo de controle, capaz de agenciamentos, como também emerge no recorte discursivo a seguir:

> **Reading webpages** Os alunos poderão responder individualmente e depois verificar suas respostas em conjunto.

**1 Where is this text taken from? How do you know? What is the text about?**

O texto reproduz uma página da web (webpage) e isto é indicado pela referência da fonte do texto abaixo dele (http://...) e também por aspectos visuais do texto de uma forma geral (a coluna de botões à esquerda, a caixa "search", entre outros).



(From <http://www.careervoyages.gov/students-main.cfm>, retrieved 27/7/09.)

**2 The person who opened this webpage is probably:**

- a. ( x ) um aluno.
- b. ( ) um pai de aluno (a parent).
- c. ( ) uma pessoa que está pensando em mudar de carreira (a career changer).
- d. ( ) uma pessoa que dá aconselhamento profissional (a career advisor).

Encoraje os alunos a justificarem suas respostas. É importante que eles observem os perfis que aparecem na parte superior da webpage (students, parents, career changers, career advisors).

**3 Where do you have to click if you want to:**

- a. imprimir a página. 8
- b. ler mais sobre a demanda de certas profissões. 3
- c. ler mais sobre carreiras se você está confuso e não sabe bem por onde começar. 1
- d. ler a página em espanhol. 7
- e. saber mais sobre custos e questões financeiras relativas a diferentes carreiras. 4
- f. ter mais informações sobre escolaridade e qualificações relativas a diferentes carreiras. 2
- g. explorar alguns links relativos a decisões sobre diferentes carreiras. 6
- h. enviar um link com o endereço da página para outra pessoa. 9
- i. ler mais sobre dicas de carreira destinadas a crianças na escola primária. 5

Os alunos poderão trabalhar em grupos. Peça-lhes que verifiquem sempre se todos os membros do grupo conseguem identificar no texto os lugares a serem clicados para os objetivos listados a seguir.

Figura 2 - *Take Over*, 2010, p. 30.

Também do primeiro volume da coletânea didática *Take Over*, o recorte discursivo da figura 2 é parte integrante da *Unit 2 - Choosing a Career* (Unidade 2 - Escolhendo uma profissão), especificamente da seção *In Synch*. Destinada a desenvolver um “trabalho sistemático com linguagens associadas a novas tecnologias”, essa seção tem como objetivo “instrumentalizar o aluno a participar de práticas discursivas que envolvem tais tecnologias de forma competente e crítica” (MANUAL DO PROFESSOR, 2010, p. 8). Esse procedimento do LD de LI põe à mostra o funcionamento discursivo sobre as “novas” tecnologias no discurso didático pedagógico. Tal engajamento traz vestígios de representações de ensino e aprendizagem de LI cerceadas a perspectivas técnicas, instrumentais e utilitaristas de uma sociedade contemporânea e globalizada.

Tal como um texto-tela, o texto-papel no LD de LI apresenta um conjunto de interfaces, nós, links e ícones específicos do ambiente web. Essas facetas típicas do hipertexto permitem ao leitor selecionar, escolher, traçar a sua rota de leitura, como enuncia o texto: (*Below are four paths to help you get started. We hope that no matter what road you take you find the information and resources you need to make career decisions that are right for you* - Abaixo estão quatro caminhos para ajudar você a

começar. Não importa que caminho tome, esperamos que você encontre a informação e os recursos que precisa para decidir sobre a carreira certa para você), causando a sensação de uma (im)possível “interatividade do leitor com a máquina e com o texto” (CORACINI, 2005, p. 35).

Num imaginário fictício, basta um clique para que se produza na tela/papel, numa velocidade quase que instantânea, a informação e recursos necessários (*the information and resources you need*). Nesse tempo efêmero e comprimido da/pela máquina, onde o que se precisa deve estar acessível numa brevidade, parece perpetuar necessidades de curta duração. Não importa que caminho tome (*no matter what road you take*), com as “novas” tecnologias, o lugar que se chega parece ser sempre o certo (*decisions that are right for you*). No entanto, ao mesmo tempo em que a máquina sacia as necessidades, outras são engendradas.

Em cumprimento à “proposta de inclusão digital”, no discurso político educacional, o que “remete à “alfabetização” dessa nova linguagem tecnológica e de suprimentos, como computadores e banda larga para a navegação na Internet” (BRASIL, 2006, p. 95), o LD de LI parece expor ao aluno a uma incompletude visível do texto, fetichizando a máquina, ao conceder-lhe o poder-saber de propiciar o efeito de completude do texto. Essa ilusória completude só é autorizada na relação do sujeito com os aparatos tecnológicos - computadores e banda larga - capazes de saber e de presentificar, com apenas um clique, o que o aluno quer, procura e precisa (*click if you want; you find, you need*), de modo a induzi-lo, seduzi-lo e conduzi-lo a tomar as decisões certas a respeito de sua carreira profissional (*to make career decisions that are right for you*).

Em atendimento a uma das propostas do ensino de língua inglesa no ensino médio, segundo o documento oficial, em não “negligenciar o mercado de trabalho, e que muitos dos alunos que concluem esse nível de escolaridade saem em busca de trabalho” (BRASIL, 2006, p. 119), o LD de LI reproduz uma página da web (*Fonte: “From <http://www.careervoyages.gov/students-main.cfm>, retrieved 27/7/09.” - TAKE OVER 1, 2010, p. 30*). Esse movimento do funcionamento discursivo no LD atribui à máquina, além da função de autoria, a função de um recurso, de auxílio (*to help you*) para se obter informação a respeito da escolha da profissão (*find the information and resources you need to make career decisions*), uma vez que o LD contém apenas amostras - os pequenos textos numerados em inglês, onde o aluno deve clicar - do que poderia ser de interesse do aluno. Tal procedimento do LD de LI parece conceder às chamadas novas tecnologias um certo controle e domínio - que talvez seria do professor - convocando o aluno a acessar a página para obter a informação desejada.

Para que o aluno consiga a informação incitada pelo LD de LI, é preciso que ele tenha acesso à internet, estabelecendo uma relação de dependência entre informação e internet, ao mesmo tempo em que a desterritorializa. Seguindo a rota do LD, o aluno deve clicar em *Where to start?*, se quiser *ler mais sobre carreiras*, o que vislumbra representações de um aluno “confuso” - *se você está confuso* - e nem sabe *por onde começar*. Ao clicar em *How to qualify for and get a job*, o aluno *ter(á) mais informações*

sobre escolaridade e qualificações relativas a diferentes carreiras, acenando a ele possibilidades de emprego com o nível de escolaridade que possui. No entanto, efeitos de sentido de que quanto maior o nível de escolaridade maiores oportunidades se têm no mercado de trabalho vêm à tona no próximo clique: *Does education pay? How to pay*. Nesse clique, o aluno *saber(á) mais sobre custos e questões financeiras relativas a diferentes carreiras*, para continuar nessa rota capitalista de ascensão profissional e social, o que faz parecer que a educação é uma mercadoria que está à venda por diferentes preços, ativando o discurso do capitalista (LACAN, 1992), .

Os discursos do excesso e do consumo sustentados pelo discurso capitalista e pelo discurso sobre as “novas” tecnologias, enfatizado pelo LD de LI analisado, emergem via materialidade linguística nesse excerto: *ler mais; ter mais; saber mais*, estabelecendo relações legitimadas de poder-saber (FOUCAULT, 1999). No entanto, essas (i)númeras rotas ofertadas ao aluno, via hipertexto, parece conduzi-lo a oportunidades de sucesso revestidas de sentidos de emancipação e liberdade. Tais sentidos propiciados pela informação adquirida com o acesso às “novas” tecnologias camuflam uma falácia. O que parece apresentar ao aluno é uma rota de mão única, sem volta e sem saída, com links e ícones estáticos, em formato de círculo, podendo provocar efeitos de sentido de um simulacro grotesco, mal acabado para o aluno.

Parece que nesses dizeres planificam-se sentidos imbricados, emaranhados, constituídos de fios enodados e dependentes uns dos outros, fios esses que se constituem pelos/nos outros (discursos). A condição estabelecida aponta para um conjunto imbricado: para se obter a informação, é preciso ter acesso às “novas” tecnologias; por meio da informação, obtém-se a educação; por meio da educação, obtém-se a profissão “certa”; por meio da profissão certa, obtém-se recursos financeiros privilegiados; por meio dos recursos financeiros, obtém-se o acesso às “novas” tecnologias, criando-se, assim, uma espécie de círculo vicioso, acenando para um certo estado de dominação em que se encontra o homem, frente às “novas” tecnologias.

Percebemos que, pela análise, esse texto-tela impresso na página do LD de LI pode apontar para uma quase impossibilidade de ocorrer a “preparação básica para o trabalho” (BRASIL, 2006, p. 120), como também pode manifestar sentidos de inviabilidades de uma “reflexão crítica” (BRASIL, 2006, p. 107), mostrando certa contradição entre o documento oficial e o material didático. Tais funções parecem ficar sob responsabilidade do próprio aluno e da máquina, já que a atividade didática sobre o texto apresentado “instrumentaliza” o aluno a fazer uso da máquina passo a passo, na busca pela informação que o LD de LI imagina ser de seu interesse. Ao aluno, basta seguir a rota indicada pela numeração dos dizeres no texto em inglês, e relacioná-los com os dizeres em português, ao estabelecer certa conexão de reconhecimento vocabular, aparentemente, sem nenhuma tomada de posição crítica.

A maneira como o LD de LI (re-)apresenta as “novas” tecnologias no formato de passo a passo aponta indícios de representações sobre o professor como não

conhecedor de tais procedimentos maquínicos, ou seja, como um imigrante digital (PRENSKY, 2001), em processo de tecnologização. Ao apropriar-se do discurso sobre as “novas” tecnologias, trazendo o seu texto no formato de uma página da web, num processo de desterritorialização, ao incumbir às chamadas novas tecnologias a tarefa de preencher uma falta, uma lacuna não só do LD, mas principalmente do professor, o LD de LI abre brechas para que as “novas” tecnologias funcionem como um fetiche para o professor. Além disso, tal procedimento parece apontar indícios de que o saber advém da relação do sujeito com a máquina: *ler mais, ter mais, saber mais*.

## 5 | CONCLUSÕES

O discurso sobre as tecnologias se materializa nos recortes discursivos por meio de itens lexicais de linguagem informal; de termos e expressões da área de tecnologia e comunicação; do uso de *emoticons* e *abbreviations* usados na comunicação virtual; da ação que envolve conhecimentos tecnológicos; da apropriação de formato de textos e de páginas que circulam no ambiente digital, provocando efeitos de sentido de desterritorialização e de simulacro. Desse modo, impactos desterritorializantes invadem as páginas impressas do LD de LI, desterritorializando ações e informações.

Ao simular ser livro sem o formato de livros, ou seja, sem o suporte de papel, com formatos eletrônicos, o LD parece ser o simulacro da própria ferramenta eletrônica. Por sua vez, esta se configura como um simulacro daquele, considerando que “tudo o que aparece na tela se dispõe *com vistas* ao livro: escrita linear, páginas numeradas, valores codificados das grafias (itálico, negrito, etc.), diferenças dos corpos e dos caracteres tradicionais” (DERRIDA, 2004, p. 150). Nesse movimento, o LD pende a modificar suas características, adaptando-as aos seus objetivos. Molda-se ao que ocorre fora do âmbito escolar para tornar-se parte do discurso pedagógico, resultando em um processo de pedagogização de certas técnicas ou conteúdos. No entanto, a atividade didática no LD de LI não exerce as mesmas funções do ciberespaço; manifesta-se um desejo de ter as mesmas funcionalidades da máquina virtual.

Os efeitos de sentido, emanados dos recortes analisados, parecem contribuir para a construção de uma imagem de professor que confere às “novas” tecnologias o status de fetiche, de modo que essas exerceriam a função de despertar no aluno a motivação para a inserção no mundo digital e, conseqüentemente, a motivação para a aprendizagem de LI, conferindo ao professor a ilusão de completude. Já, para o aluno, a maneira como o LD de LI representa as “novas” tecnologias tende a funcionar como um simulacro, à medida que estas visam representar o mundo do aluno, sua realidade.

Ainda, o discurso sobre as “novas” tecnologias (re-)apresentam-nas, para o aluno, como possibilidades de aprendizagem da LI, de inserção no mundo globalizado e digital e, como corolário, a sua integração no mundo do trabalho e a ascensão social. Tais efeitos de sentido permeiam o discurso político educacional que, por sua vez,

fazem eco no discurso didático pedagógico. Dito, diferentemente, é o discurso político educacional agindo sobre o discurso didático pedagógico. A ação daquele discurso sobre este gera poder, portanto, saber; planificam-se relações intrínsecas entre poder-saber (FOUCAULT, 1999) estabilizadoras do funcionamento do discurso de verdade.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa (s). Trad.: Celene M. Cruz e João W. Geraldi. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 19, 1990, p. 25-42.

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas – As não-coincidências do dizer*. Trad. Coord.: Maria Onice Payer. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Trad.: Alda Scher e Elsa Maria Nitsche Ortiz. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 11-80.

BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC; SEMTEC, 2006.

CORACINI, M. J. Concepções de leitura na (pós-) modernidade. In: LIMA, R. C. de C. P. (org.). *Leituras: múltiplos olhares*. Campinas: Mercado de Letras; São João da Boa Vista: Inifeob, 2005, p. 15-44.

CORACINI, M. J. Discurso e escrit(ur)a: entre a necessidade e a impossibilidade de ensinar. In: CORACINI, M. J.; ECKERT-HOFF, B. M. (orgs.). *Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela: alfabetização, formação de professores, línguas materna e estrangeira*. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 17-50.

CORACINI, M. J. (org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira*. 2ª Ed. Campinas: Pontes Editores, 2011, p. 33-43.

CORACINI, M. J.; CAVALLARI, J. S. (org.). *(Des)construindo verdade(s) no/pelo material didático: discurso, identidade, ensino*. Campinas: Pontes Editores, 2016.

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Trad.: Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. Trad.: Luiz Roberto Salinas Fortes. 5ª. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DERRIDA, J. *Margens da Filosofia*. Trad.: Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Porto: RÉ S Editora, 1986.

DERRIDA, J. *Posições*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DERRIDA, J. *Papel-Máquina*. Trad.: Evandro Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

DERRIDA, J. *Gramatologia*. Trad.: Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo:

Perspectiva, 2011.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 12a Ed. São Paulo: Loyola, 1995.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 14ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad.: Luis Felipe Baeta Neves. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FREUD, S. Fetichismo. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Trad.: Joan Riviere. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996, p. 151-160.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

KEHL, M. R. O espetáculo como meio de subjetivação. In: BUCCI, A.; KEHL, M. R. (orgs.). *Videologias: ensaios sobre a televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 43-62.

LACAN, J. *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise (1969 - 1970)*. Trad.: Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, J. *Escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. *O seminário, livro 16: de um outro ao outro*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LEMONS, A. Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização desterritorialização na cibercultura. In: 15º Encontro Anual da COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UNESP-Bauru, 2006. Disponível em: [www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andre\\_lemos/territorio.pdf](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andre_lemos/territorio.pdf).

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 13-67.

PRENSKY, M. Nativos digitais, imigrantes digitais. Trad.: Roberta de Moraes Jesus de Souza. *On the Horizon* - NCB University Press, v. 9, n. 5, 2001. Disponível em [www.Marcprensky.com/.../Prensky%20-%20Digital%20Nativos](http://www.Marcprensky.com/.../Prensky%20-%20Digital%20Nativos). Acesso em 13 de março de 2011.

SANTOS, D. *Take over*. São Paulo: Lafonte Ltda, 2010.

TEODOROV, V. *Freeway*. São Paulo: Richmond, 2010.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-378-1

